

## **NÓS TAMBÉM QUEREMOS A INDEPENDÊNCIA. O PAPEL DO DESPORTO NO PERÍODO DE TRANSIÇÃO EM ANGOLA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA IMPRENSA (1974-1975)<sup>1</sup>**

João Pedro Lourenço<sup>2</sup>

**Resumo:** A análise do processo de transição política para a independência de Angola, ocorrido entre 1974 e 1975, após 13 anos de guerra anticolonial, continua concentrada nos três movimentos de libertação nacional, o que faz com que outros protagonistas sejam silenciados ou marginalizados. É necessário uma mudança de foco na historiografia sobre esse processo para que a ação realizada pelo desporto e o seu entorno possam ser conhecidas. Até mesmo a imprensa é uma das protagonistas marginalizadas, e neste caso é o instrumento escolhido para conhecer a jornada que o mundo do desporto teve no contexto da descolonização, analisando as mudanças internas, o processo de reivindicação e emancipação, ou seja, a contribuição da revolução desportiva na revolução política.

**Palavras-chave:** desporto; imprensa; descolonização.

### **We also want independence. The role of sport in the period of transition in Angola: an analysis from the press (1974-1975)**

**Abstract:** The analysis of the political transition process for the independence of Angola that occurred between 1974-1975, after 13 years of anti-colonial war, continues to focus on the three national liberation movements, causing other protagonists to be silenced or marginalized. A change of focus in the historiography on the said process is necessary to give them the corresponding visibility and the action carried out by each one can be known, being that in this case the study focuses on the sport and its environment. The press, itself one of the marginalized protagonists, is the instrument chosen to know the appeal that the world of sport had in the context of decolonization.

**Keywords:** sport; press; decolonization.

### **Nosotros también queremos la independencia. El papel del deporte en el período de transición en Angola: un análisis a partir de la prensa (1974-1975)**

**Resumen:** El análisis del proceso transición política para la independencia de Angola ocurrida entre 1974-1975, después de 13 años de guerra anticolonial, continúa centrada en los tres movimientos de liberación nacional, lo que hace con que otros protagonistas sean silenciados o marginados. Es necesario un cambio de enfoque en la historiografía sobre dicho proceso para que se pueda conocer la acción desempeñada por el deporte y su entorno. Incluso la prensa es una de las protagonistas marginadas, y en este caso es el instrumento elegido para conocer el recorrido que el mundo del deporte tuvo en el contexto de la descolonización.

**Palabras clave:** deporte; prensa; descolonización.

---

<sup>1</sup> Este texto é um extracto do projecto de pesquisa em curso intitulado *Voces y plumas: los medios de información y la sociedad en el proceso de transición en Angola (1974-1978)*, para o Programa de Doutoramento em História, História de Arte e Território da Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED)/Espanha.

<sup>2</sup> Doutorando em História, História de Arte e Território da Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED). Professor de História no Instituto Superior de Ciências da Educação – ISCED/Luanda. Luanda, Angola. E-mail: [jplourenco76@gmail.com](mailto:jplourenco76@gmail.com).

## **Introdução e metodologia**

O processo que levou Angola à independência foi bastante turbulento, fortemente marcado pela luta entre os movimentos de libertação nacional MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e UNITA (União Nacional para Independência Total de Angola), pelos problemas internos de cada, pelos problemas que a guerra anticolonial causava em Portugal e pelas pressões exercidas pela comunidade internacional contra a ditadura do Estado Novo no seu projecto de manter as colônias.

Fortemente influenciada pelo desgaste da guerra anticolonial, a Revolução de 25 de Abril de 1974 (também conhecida como Revolução dos Cravos), em Portugal, significou não apenas uma mudança de regime, mas também de atitudes por parte das novas autoridades portuguesas. Isso foi verificado em relação aos territórios africanos sob o domínio colonial português, quando foram criadas condições para um cessar-fogo entre as tropas coloniais e os diversos movimentos guerrilheiros que lutavam pela autodeterminação política dos seus territórios.

Em Angola, as tropas portuguesas assinaram acordos de cessar-fogo separados com cada um dos movimentos de libertação nacional, e apenas posteriormente foram organizadas conversações conjuntas (Portugal e os movimentos de libertação) para que fosse definido o programa que levaria à proclamação da independência nacional. Os Acordos de Alvor, assinados em janeiro de 1975, estabeleceram a formação de um governo de transição composto pelos representantes de Portugal, MPLA, FNLA e UNITA, bem como a criação de um exército regular a partir da integração das forças militares guerrilheiras, a realização de eleições para a assembleia constituinte data para a proclamação da independência, 11 de novembro de 1975.

Do programa de Alvor, apenas dois compromissos foram implementados: a formação do Governo de Transição, que funcionou por um curto período de tempo e sem grande efetividade, e a proclamação da independência nacional, ainda que num em clima de confronto militar entre os movimentos de libertação que recorreram ao apoio militar externo. Houve uma proclamação de independência em Luanda feita pelo MPLA e que teve reconhecimento internacional, e outra no Huambo, feita pela UNITA e FNLA que não teve reconhecimento.

Durante essa situação turbulenta, a imprensa da época mostra os diferentes atores envolvidos. Uma revisão à historiografia permite verificar que há uma concentração excessiva sobre o papel desempenhado pelos três movimentos de libertação nacional e um quase silenciamento de outros atores sociais (sindicatos, associações culturais e estudantis, mídia, etc.).

Porquê, ao considerar a transição para a independência de Angola, há um "silenciamento" ou "marginalização" de outros atores sociais?

A concentração excessiva nos movimentos de libertação nacional não permite olhar a fundo a importância da participação de outros atores. Um olhar atento à imprensa e a outros documentos da época, vemos como, nos primeiros dias, a cena política e social em Angola era dominada por um grupo de atores cujas ações não podem mais ser ignoradas ou tratadas como

secundárias, quando estiveram na linha de frente e, em alguns casos, foram fundamentais para o curso do processo

O primeiro objetivo deste trabalho é ampliar a análise do "espaço político" no qual ocorreu a transição angolana, afastar-se da visão limitada cidadão-partidos políticos para aquela que permite a participação de outros atores sociais.

Se, além disso, entendemos o espaço político como uma totalidade contraditória, onde a sociedade política não está separada da sociedade civil, nem a esfera política está isolada da esfera ideológica-cultural ou da esfera econômica, então o conceito de espaço político é enriquecido pela inclusão da subjetividade, dos modos que os cidadãos têm de avaliar, sentir e perceber a política. Além disso, estende-se a inclusão também da participação individual ou coletiva do cidadão, nos diversos grupos e movimentos sociais (urbanos, camponeses, culturais, de gênero, etc.), além de sua relação com os partidos políticos (MENDOZA e CAMINO, 2000, p. 12).

O segundo objetivo é destacar como o mundo do desporto, bem como outros setores da sociedade colonial, tiveram um papel importante no processo de transição política em Angola. Ignorada pela maior parte da historiografia sobre o tema, sua atuação naquele "espaço político" se manifestou nos primeiros dias depois do 25 de Abril com a amnistia de atletas irradiados ou com outros tipos de sanções, com o "saneamento" das instituições desportivas, com o problema das instalações desportivas e posteriormente com posições políticas sobre a estruturação do setor e a necessidade de ser independente.

O terceiro objetivo é mostrar como os dois anteriores são alcançáveis, utilizando a imprensa como ferramenta fundamental. A imprensa como ator social dá a possibilidade de verificar outros protagonistas, e neste caso, os agentes ligados ao desporto em Angola que também estavam envolvidos na luta política, aproveitando-se das circunstâncias criadas pela Revolução dos Cravos.

Em termos de metodologia, o princípio dominante é a imprensa como objeto de análise. A base deste trabalho será a proposta de Duverger (1962, pp. 122-126) que aponta três principais formas de uso documental da imprensa: 1) a imprensa como fonte de documentação geral; 2) a imprensa como fonte de documentação sobre grupos ou categorias sociais; 3) a imprensa como fonte de documentação em si. Neste trabalho, a premissa a ser utilizada será a segunda opção, pois a possibilidade de estudar a ação dos membros do mundo desportivo na transição para a independência em Angola, a partir dos "olhos" dos jornais.

Sendo o "documento" um elemento central para qualquer pesquisa nas Ciências Históricas, o uso da imprensa como "documento" também gera muitos avisos. Por exemplo, Thuiller e Tulard (1989, p. 98-99) reconhecem a imprensa como "uma fonte confortável, que, no entanto, deve ser recorrida com reservas" porque é necessário saber se há ou não liberdade de imprensa e também porque o "relato de um evento por um jornalista não oferece garantia de precisão". Ou como Benito aponta (1982, p. 42) "o uso da imprensa como fonte histórica requer, especialmente para o século XX, especificar muito o campo de estudo, uma vez que a dispersão da imprensa e seu localismo é uma dificuldade para interpretações".

Segundo Almuiña Fernández (1977, p. 27), as críticas ao jornal como fonte histórica podem ser resumidas nos seguintes aspectos: "o jornal tem perspectiva; trata-se de fabricar a notícia ou, pelo menos, dramatizá-la, inchá-la, na melhor das hipóteses, informa a opinião pública; mas tenta manipulá-la". O mesmo autor assinala que todas essas críticas não têm nada além de um valor relativo, pois "a imprensa revela os fatos e sua paixão e isso deve ser sempre levado em conta". Moreno Sardá (1986, p. 145-163) afirma que podemos usar a imprensa como fonte de estudo histórico ou outros fenômenos sociais nos quais o jornal compartilha o protagonismo com outras fontes. Portanto, o critério que será usado, como seria com qualquer outra fonte histórica, será a crítica interna.

### **Estado da Questão**

Depois de um considerável "silêncio" e "marginalização" em termos de estudos sobre o desporto em Angola, eis que nos últimos 10 anos a historiografia angolana conheceu uma reviravolta com o surgimento de diversas obras produzidas por pesquisadores angolanos (muito poucos), brasileiros e portugueses (MARZANO e NASCIMENTO, 2013). Os trabalhos resultantes de pesquisas individuais e coletivas estão disponíveis em livros coletivos, em revistas acadêmicas e/ou foram apresentados nas diversas edições das conferências internacionais sobre desporto e lazer em África, e em outros eventos acadêmico-científicos. Nesses estudos, concentrados principalmente entre 1950 e 1974, são tratados os mais variados aspectos. Há elementos puramente desportivos, como o sistema desportivo, a organização de competições, a divulgação da prática desportiva (BITTENCOURT, 2017), e a história dos clubes, como o caso do Clube Atlético de Loanda (FERREIRA, 2008 e 2016). Outros se estendem aos de natureza econômica, como é o caso do estudo dedicado ao automobilismo (BITTENCOURT e MELO, 2016). A dimensão sociológica está presente ao analisar as questões de discriminação racial, estratificação social, a relação colonizado e colonizadores (BITTENCOURT, 2014). Outras abordagens se centram no campo político e nos conflitos nele implícito, por um lado, a estratégia de alienação e controle pelo colonizador, por outro, a estratégia de resistência e luta pela independência pelos colonizados (BITTENCOURT, 2010 e 2013; MELO, 2011; BITTENCOURT e MELO, 2012). O livro de memória de Van-Dúnem (2020) é dedicado ao futebol popular no bairro de Sambizanga relacionado à fase de transição política em Angola, tema desse artigo. A grande novidade deste trabalho reside no fato de ser uma abordagem única e pioneira da ação política dos agentes do mundo do desporto durante o processo de transição para a independência, o que lhe permite conectar-se com trabalhos anteriores relacionados ao período da luta de libertação e seu reflexo no campo desportivo.

### **Características da imprensa angolana da época**

A transição política para a independência em Angola terminou em 11 de novembro de 1975, mas a transição na imprensa se estendeu até 25 de janeiro de 1978, com o encerramento da Emissora Católica de Angola-Rádio Ecclésia,

até então o único meio de comunicação fora do controle do Estado, através *Decreto n° 5*.<sup>3</sup> Ou seja, o encerramento dessa emissora marcou o fim do período de *transição* que começou com a abolição da censura prévia após 25 de abril de 1974, para um modelo caracterizado pelo monopólio *estatal* da mídia.

Durante a ditadura do Estado Novo houve a "rolha", ou seja, a censura prévia, um mecanismo de controlo da mídia, sendo que todos os jornais exibiam na primeira página a marca "visto pela censura". Em 28 de abril de 1974, um grupo de jornalistas escreveu às novas autoridades portuguesas para denunciar a continuação da prática da censura prévia em Angola. No dia seguinte, o encarregado do governo de Angola decretou o fim da censura e do exame prévio, com exceção de informações de natureza militar e aquelas que poderiam "perturbar a opinião pública".<sup>4</sup> À semelhança do que aconteceu na metrópole, em Angola, foi criada uma *Comissão Ad Hoc*, sob jurisdição militar, encarregue de monitorar as ações da mídia, por meio da "censura a posteriori", com autorização para impor sanções pecuniárias de até 500 mil escudos e suspensão da publicação até um máximo de 60 dias (OLIVEIRA, 1988, p. 152-161). O estudo hemerográfico permitiu verificar que, durante o período de transição, vários jornalistas foram suspensos, outros lhes foi fixada residência ou expulsos de Angola; no caso dos mídia, alguns foram multados, suspensos ou fechados (LOURENÇO, 2006, p. 102-108).

De acordo com a *World Communications* (1975, p. 39-40), em 1974, em Angola, havia 4 diários, que perfaziam um total de 66.000 cópias/dia, com uma média de 12 cópias por 1000 habitantes, e outras 15 publicações. Ao nível da rádio, havia 24 estações de ondas médias, 40 estações de ondas curtas, 13 estações FM, uma média de 110.000 beneficiários directos estimados e uma média de 20 receptores por 1000 habitantes. Quanto à imprensa, aplicar o critério de Cal Martínez (1989, p. 594) distingue dois tipos: *a imprensa convencional* ou publicações *para o povo*, e a *imprensa alternativa* ou publicações *do povo*. Em relação à imprensa convencional, que é a que importa para este trabalho, os principais jornais utilizados foram *A Província de Angola* (que desde 1 de julho de 1975 foi rebatizado de *Jornal de Angola*), *Diário de Luanda*, e em menor escala em alguns semanários. Quanto ao desporto, o primeiro dedicou 3 páginas de terça a domingo e um suplemento desportivo de 7 a 8 páginas na segunda-feira; o segundo dedicou 3 páginas diariamente.

Em 1971, a revista *Angola Desportiva* deixou de ser publicada, por isso até janeiro de 1975, não havia publicação inteiramente dedicada ao desporto, sendo essa uma das razões para o uso dos jornais generalistas.<sup>5</sup> De acordo com *A Província de Angola*,<sup>6</sup> em dezembro de 1974, Palmeira Bicho, editor-

<sup>3</sup> ANGOLA. Decreto n° 5, de 24 de janeiro de 1978. Extingue a Emissora Católica de Angola – Rádio Eclésia e nacionaliza todo o seu activo e passivo, ficando afectos à Rádio Nacional de Angola *Diário da República*, Luanda, I série, n° 21, 25 jan. 1978, p. 47-48.

<sup>4</sup> ABOLIDA a censura à imprensa em Angola, *Diário de Luanda*, Luanda, 29 abr. 1974, p.1.

<sup>5</sup> Entre os reporteres e cronistas desportivos destacam-se: no *Diário de Luanda*: Hélder Baeta, Simões de Oliveira, Alberto Trindade, Silva Gonçalves, Adalberto Ramos, Eduardo J. Sousa, Cassiano Afonso e Fernando Baganha; no *A Província de Angola*: Rebelo Carvalheira, Ricardo Alves, Henrique Mota, Manuel da Costa, Zé Marques, Oliveira Campus, Branco da Silva e Adão Lacerda.

<sup>6</sup> NOVO jornal: Momento Desportivo. *A Província de Angola*, Luanda, 8 dez. 1974, p. 7.

chefe do semanário *Sul*, recebeu a licença para colocar em circulação na cidade de Lobito, o semanário *Momento Desportivo*, o único em Angola inteiramente dedicado ao desporto. Em janeiro de 1975, *A Província de Angola* informou sobre o lançamento do primeiro número e publicou o seu editorial de estreia intitulado "Razão de ser":

Por força das circunstâncias actuais, que são verdadeiramente irreversíveis vai nascer uma nova Nação em África, liberta de preconceitos colonialistas. O nosso País que vamos edificar, terá de ser motivo de orgulho para quantos sejam e se sintam angolanos, que sobretudo têm de estar preparados para enfrentar o desafio que se impõem ao futuro.

Longo, agreste e difícil caminho vai ser o caminho a percorrer, e para vencer os obstáculos que nos vierem a ser impostos, quem melhor do que a juventude deste progressivo País, cheia de pujança atlética e com muito brio? – Estamos certos que a nossa juventude não só poderá aceitar, como também torneará as dificuldades consequentes do desafio que estamos aptos a vencer.

Ao fazermos este jornal que sai pela primeira vez pretendemos apoiar o futuro desta Nação alicerçado na força da sua juventude, pródiga em esperança, fé e vontade de tornar Angola numa Nação grande entre grandes.

ESTA É A RAZÃO DE SER do aparecimento do único jornal inteiramente dedicado ao desporto angolano, que a partir de agora e por enquanto se passará a publicar uma vez por semana, com o objectivo único de servir a causa desportiva desta grande e nova Nação.

Apoiar incondicionalmente o desporto desta terra que muito amamos dentro dos melhores moldes de boa ética desportiva, onde impere a disciplina e a honestidade, é o nosso objectivo para ajudarmos a concretizar a dignificação do homem através do desporto, para que este seja na realidade, a verdadeira escola de virtudes que tem a obrigação de ser. Alma sã em corpo são terá de ser o apanágio de todo o jovem desportista, para que Angola nasça como Nação independente, sob o signo do vigor sadio que terá de assistir a um recém-nascido que queremos que se desenvolva pleno de robustez e de maneira mais salutar. Tudo que estiver ao nosso alcance será feito, para que a ideia agora tornada realidade, se cimente e funda a essa extraordinária força que é o desporto, e que juntos, todos num só eu possamos atingir a meta desejada, que corresponda à vitória final.<sup>7</sup>

### **Descolonizar o desporto: saneamento e emancipação. O debate na imprensa**

A análise da imprensa permite ter uma imagem das diversas modalidades que tinham competições oficiais e regulares, entre as quais

---

<sup>7</sup> DESPORTO ao serviço duma nova nação. *A Província de Angola*, Luanda, 16 jan. 1975, p. 17-18. Não foi possível localizar nenhum exemplaro dessa publicação nas bibliotecas e arquivos em Angola e Portugal.

destacam-se futebol, basquete, natação, handebol, hóquei em patins, desporto motorizado (automobilismo, motocross e kart), atletismo, xadrez, remo, ciclismo, pesca, tênis, ginástica e golfe. É possível verificar que havia competições provinciais e distritais, nas categorias principal, júnior e iniciados; além do desporto "federado", havia também o escolar e no trabalho. Por altura da revolução, as competições estavam no meio, em alguns casos, e no final, em outros, e continuaram normalmente, com exceção daquelas que estavam sob a jurisdição da Mocidade Portuguesa. Com a extinção dessa organização, em Angola, por exemplo, vários eventos de natação foram cancelados e posteriormente realizados sob a responsabilidade de outras organizações.

Assim como no espaço cultural, no espaço desportivo há também a simultaneidade de ter sido utilizado como elemento de controlo pelo colonizador e resistência pelo colonizador, sem perder de vista a própria prática desportiva (MELO, 2011, p. 164). Essa referência nos permite compreender o grau de politização que caracterizou as ações do mundo do desporto, colocando-se na vanguarda no contexto da descolonização.

Um dos grupos mais ativos nesse período foi o dos professores de educação física que exigiu a demissão do responsável do sector e organizou um movimento sindical com o objetivo de defender os interesses da classe nos moldes apresentados pelos estudiosos do tema (THOMPSON, 1989). Como a situação política e militar tornou-se difícil, o desporto também sofreu os efeitos e seguiu a dinâmica, especialmente após a instalação dos movimentos de libertação em Luanda e noutros distritos. Na parte final da transição, a imprensa mostra como a saída da comunidade branca afetou a realização de várias competições, e permite também observar a orientação política que o desporto assumiu entre julho e novembro de 1975.

Havia o envolvimento do setor empresarial no desporto através da realização ou patrocínio de competições,<sup>8</sup> uma situação que gerou algumas críticas por incluir um volume substancial de subsídios estatais. Também é possível ver como o desporto não era estranho à vida política, por exemplo, com a realização em Luanda da Copa General Spínola, entre o Sport Lisboa e Benfica e Futebol Clube do Porto, e a "Copa Silvino Marques" entre o Futebol Clube do Porto e o Sport Luanda e Benfica. No tênis, foi realizado o Torneio da Liberdade.

Uma das principais demandas foi a criação na estrutura governamental de uma pasta que respondesse pelo desporto e educação física para atender às inúmeras questões que demandavam soluções, por meio da apresentação de uma linha política que seria executada por meio de um plano estratégico.<sup>9</sup> Esse pedido foi atendido com a nomeação no governo provisório de Angola do primeiro Subsecretário de Estado de Educação Física e Desportos, em sua história, João Abel das Neves, poeta, ex-desportista e membro da Frente

---

<sup>8</sup> Exemplos: Rally Neográfica, Rally BCA, Grande Prémio Nocal de Ciclismo, Torneio Cuca de Futbol, Torneio Cuca de Xadrez, Torneio de Tênis BCA, Prémio Rialto de Ciclismo e Prémio Kastor de Motocross.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Simões de. Para quando o secretário dos desportos? *Diário de Luanda*, Luanda, 26 set. 1974, p. 21.

Ampla do Desporto em Angola.<sup>10</sup> Mas, ao mesmo tempo em que exigiam a indicação do responsável pelo desporto, também apresentavam propostas para a sua "independência" da metrópole. A Frente Ampla do Futebol Angolano, criada em 1968, publicou uma "Declaração Desportiva" na qual anunciou que seria designada Frente Ampla do Desporto Angolano, plataforma que visava reunir todos os atletas para "defender intransigentemente os interesses e direitos legítimos do desporto angolano", substituir a estrutura desportiva, criar centros de estudo e ação para aplicar as retificações, sanear todos aqueles que causaram danos ao desporto.<sup>11</sup> O mesmo documento propunha medidas imediatas como a extinção dos órgãos existentes e sua substituição por uma comissão de emergência, o corte de relações com a África do Sul e a Rodésia do Sul, a criação de um curso de superior de educação física, a reformulação dos programas das escolas de educação física, a criação de um tribunal desportivo, a implementação de novos regulamentos sobre as relações entre clubes e praticantes, a proibição imediata de saída para fora de Angola de atletas juniores e jovens até que se fosse adotado um regulamento, entre outras medidas.<sup>12</sup>

O Conselho Provincial de Educação Física foi um dos primeiros órgãos. Um grupo de professores de educação física elaborou uma proposta para "mudar" o desporto em Angola, que consistia em substituir o conselho por uma diretoria provincial e diretorias distritais, compostos por vários departamentos para atender todas as áreas: federado, escolar, universitário, desporto para trabalhadores, medicina desportiva, etc. Um dos destaques da proposta foi a área do "desporto popular" que procurava massificar a prática desportiva nos *muceques* (bairros suburbanos) e *sanzalas* (aldeias rurais), para alterar o caráter elitista que esse fenômeno viveu em Angola.<sup>13</sup> Era necessário lançar o desporto popular, por isso, clamavam:

Seria bom que o Desporto Popular não se limita exclusivamente aos TORNEIOS POPULARES DE FUTEBOL, intencionalmente programados para se incentivar a propaganda de determinadas empresas privadas, porque não é apenas através do Futebol (determinadas formas de futebol) que se contribui para a promoção e educação das massas populares.<sup>14</sup>

Embora a demissão do presidente do conselho, Daniel Leite,<sup>15</sup> não tenha ocorrido logo de início, o órgão decidiu se reestruturar para adaptar-se ao

---

<sup>10</sup> BAETA, Hélder. Boa noite, João Abel, bom dia, sr. Subsecretário. *Diário de Luanda*, Luanda, 2 nov. 1974, p. 21; Angola tem o seu subsecretário para a educação física e desportos. *Diário de Luanda*, Luanda, 6 nov. 1974, p. 21.

<sup>11</sup> DECLARAÇÃO desportiva. *A Província de Angola*, Luanda, 23 mai. 1974, p. 4 e 19.

<sup>12</sup> DECLARAÇÃO desportiva. *A Província de Angola*, Luanda, 23 mai. 1974, p. 4 e 19.

<sup>13</sup> Entre os proponentes estavam Albero Quádrio, Xisto, Jorge Nicola e Vicente Costa. TENTANDO a viragem: professores de educação física propoem-se criar um novo organismo para dirigir o desporto em Angola. *A Província de Angola*, Luanda, 16 jul. 1974, p. 17.

<sup>14</sup> SANTO, Espírito. O desporto angolano no seu contexto. *Angola*, Luanda, 27 set. 1974, 2 e 14.

<sup>15</sup> O professor Daniel Leite deixou o cargo de presidente do Conselho Provincial de Educação Física e regressou à Portugal em novembro de 1974, quando já havia sido nomeado o subsecretário de estado de educação física e desportos. Fernando Peyroteu, uma figura histórica do futebol angolano também embarcou nessa altura para Portugal, no seu caso em

cenário de autonomia desportiva em Angola. Em reação, o conselho produziu um documento com os princípios que acreditava que deveriam servir de base para o futuro do desporto angolano. Assumiu o compromisso de garantir a todos sem distinção, as condições para a educação física e práticas desportivas, autonomia organizacional em relação à metrópole, mas com o reforço da cooperação técnica, criação de uma subsecretaria para juventude e desportos com a função de orientar os órgãos técnicos e financeiros, definiu a estrutura para a formação de técnicos, desporto escolar e universitário, desporto federado, medicina desportiva, organização sindical de atletas profissionais e clubes.

O documento também se referiu à institucionalização das federações, que seriam coordenadas por uma confederação como órgão de governo e do comité olímpico.<sup>16</sup> Ao colocar "sem distinção", o objetivo era deixar claro que não seria mais um "desporto elitista" que, segundo os dados, beneficiava apenas 15% da população, sendo que, com exceção do futebol, a maioria dos praticantes eram brancos e brancas e as melhores infraestruturas estavam localizadas nas áreas habitadas maioritariamente por aquela comunidade.<sup>17</sup>

Outros argumentaram que era necessário descolonizá-lo porque era um direito de todos os cidadãos e não apenas de uma das partes como era até então, ou seja, a reestruturação teria que garantir que alcançaria todas as partes sob o princípio democrático. Nas cidades com a criação de áreas verdes para atender todas as faixas etárias, no mundo rural com a construção de campos comunitários simples, em escolas com a construção de estruturas adequadas e com a formação de professores, no trabalho com a oferta de espaços, com pessoal qualificado.<sup>18</sup>

Uma das preocupações dos participantes do debate sobre a descolonização foi o desporto escolar por que era considerado uma verdadeira prioridade e não um "trabalho de fachada".<sup>19</sup> Para isso, entendiam que era necessário melhorar sua estruturação por meio de um plano exequiável, que contemplava a construção de campos, salas desportivas e aquisição de materiais adequados, para evitar que o clube ocupasse o lugar da escola e

---

"licencia graciosa". Ambos se queixaram da "ingratidão de alguns". ABALARAM hoje: Daniel Leite e Peyroteu. Férias na Europa. *Diário de Luanda*, Luanda, 8 nov. 1974, p. 23.

<sup>16</sup> CONFEDERAÇÃO, órgão de cúpula para a educação física e o desporto. *Diário de Luanda*, Luanda, 31 ago. 1974, p. 23.

<sup>17</sup> Veja-se: EM perseguição de 'outro' desporto: curso superior de educação física e desportos. *Diário de Luanda*, Luanda, 20 set. 1974, p. 23; CRIADO grupo de trabalho – curso superior de educação física vai ser uma realidade. *Diário de Luanda*, Luanda, 21 set. 1974, p. 23; ESTRUTURAÇÃO da educação física escolar. *A Província de Angola*, Luanda, 5 jan. 1975, p. 15; SAMMER, José. Posição dos professores do ensino da educação física. *A Província de Angola*, Luanda, 7 jan. 1975, p. 22; SAMMER, José. A educação física e a sua orgânica. *A Província de Angola*, Luanda, 9 jan. 1975, p. 22.

<sup>18</sup> NICOLA, Jorge. Para uma política de descolonização da educação física em Angola: 1ª fase – análise e projecto. *Diário de Luanda*, Luanda, 6 nov. 1974, 22-23. Vejase também: NICOLA, Jorge. Para uma política de descolonização da educação física em Angola: 2ª fase – processologia na escola e na universidade. *Diário de Luanda*, Luanda, 16 nov. 1974, p. 22-23.

<sup>19</sup> BAETA, Hélder. Finalmente o desporto escolar? *Diário de Luanda*, Luanda, 24 ago. 1974, p. 22.

explorasse as crianças, o que exigia que a educação física e o desporto merecessem especial atenção.<sup>20</sup>

A descolonização significou uma mudança de estatutos, uma mudança de nome (por exemplo, Sport Huambo e Benfica foi renomeado Mambroa do Huambo),<sup>21</sup> um rompimento de vínculos com clubes de Portugal (por exemplo, o Futebol Clube do Lobito informou ao Futebol Clube do Porto de Portugal de sua "desfiliação"),<sup>22</sup> movimentos grevista,<sup>23</sup> saneamento da gestão de clubes e associações e a eleição de treinadores, em alguns casos até capitães de equipa. Os desportos aquáticos (natação, remo e vela), intimamente ligados à Mocidade Portuguesa, estavam em crise com a extinção dessa organização. No remo, o campeonato distrital foi adiado porque até então a Mocidade Portuguesa era responsável por sua organização.<sup>24</sup> No caso da vela, foi lançada uma "comissão de salvação" com um programa no qual os barcos pertencentes àquela organização foram confiscados, a temporada desportiva reformulada, foram demitidos os responsáveis pela associação, foram criadas novas especialidades entre outras medidas.<sup>25</sup>

Havia uma demanda por um "novo desporto", onde predominasse o planejamento científico, onde os técnicos deveriam ter a qualificação necessária, onde haveria uma multiplicação de centros desportivos em todos os distritos administrativos, onde a alienação daria lugar ao festival popular. Os dados disponíveis indicam que o desporto tinha caráter elitista e afetava apenas 15% da população, dirigida excessivamente para a concorrência, altamente subsidiada pelo Estado, pouca valorização da educação física,<sup>26</sup> portanto, o protesto:

Desporto não (nunca foi) novo ou velho. Ou é bom (o que desejamos) ou não presta. E o que temos, francamente não presta mesmo. Não será uma questão de merecer ou não. Não está em equação poder ou não poder ter. Angola merece um Desporto Bom. Pode ter um Desporto Diferente. Precisa urgentemente, como ou mais ainda, como de pão para a boca dos seus filhos, um Desporto Válido. Deportação para todos. Desporto que não seja alienante. Desporto de vanguarda. [...] É (felizmente) alguma coisa feita de bom. Não interessa. Vamos começar tudo do princípio. Uma sugestão: paremos com as cotactos com outras regiões que custam dinheiro e não levam, tal como estamos. Ao lado de nenhum. Sugiro traduzir

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Simões de. Que desporto escolar? *Diário de Luanda*, Luanda, 5 set. 1974, p. 23.

<sup>21</sup> "Mambroa" reúne em assembleia geral. *A Província de Angola*, Luanda, 15 fev. 1975, p. 16.

<sup>22</sup> F.C. do Lobito já comunicou às Antas a sua "desfiliação". *A Província de Angola*, Luanda, 5 jan. 1975, p. 19.

<sup>23</sup> Futebolistas do ASA em tempo de "exigências". *Diário de Luanda*, Luanda, 8 jul. 1974, p. 23.

<sup>24</sup> Por causa da mocidade portuguesa. Adiado o "distrital" de remo. *Diário de Luanda*, Luanda, 7 mai. 1974, p. 23.

<sup>25</sup> Vêjase: QUEM acode a vela angolana? *Diário de Luanda*, Luanda, 25 set. 1974, p. 21; COMISSÃO de salvação reúne-se pela primeira vez. *Diário de Luanda*, Luanda, 18 out. 1974, p. 23.

<sup>26</sup> DEFINIR uma situação e estabelecer a linha a seguir. *A Província de Angola*, Luanda, 18 jan. 1975, 22-23.

Outra sugestão: deixarmo-nos de campeonatos regionais ou nacionais, atiremo-nos com os milhões gastos neles para a massificação desportiva da nossa juventude.<sup>27</sup>

A situação de insegurança ocorrida em Luanda entre julho e agosto afetou diretamente o desporto. A Copa do Mundo de Hóquei em Patins de 1974 estava marcada para acontecer em Luanda. O pavilhão do Futebol Clube de Luanda foi inaugurado em 30 de junho, e com algumas equipas já em Luanda (Portugal e Argentina) e os ingressos vendidos, o Governo-geral de Angola, sob a direção das autoridades militares, decidiu transferir a competição para Lisboa, causando verdadeira frustração para os organizadores.<sup>28</sup>

Para a plataforma Frente Ampla do Desporto Angolano, a massificação era a chave para melhorar e democratizar o desporto, e para isso, defendeu a elaboração de um plano que previa a construção de centros desportivos em todas as localidades, cidades, escolas, estabelecimentos religiosos e hospitalares, fazendas agrícolas, explorações mineiras, onde quer que fosse possível, para que pudesse ser cumprido o propósito de desenvolver o povo:

Centros desportivos que visem primordialmente o *agrupamento* (associação) das populações, a partir de que mais fácil será iniciar uma verdadeira campanha de promoção. Promoção que abrangerá a execução de um plano integral de educação: física, moral e intelectual...

[...]

Centros Desportivos que visem a aquisição de diversas qualidades: Saúde – aumento da força e faculdade de produzir trabalho sem fadiga; Agilidade – nitidez dos sentidos e dos movimentos; desenvolvimento da vontade e da confiança em si mesmos; direcção útil de sua energia do ponto de vista social.

Centros desportivos que serão a semente dos Clubes Angolanos estruturados dentro dos verdadeiros princípios associativos, onde haverá, como prolongamento lógico da insinuação inicial, acção vasta de sensibilidade que verterá frutos positivos para a grande comunidade Angolana.

[...]

Centros desportivos que anseia resultam em benefício social, cultural, económico, recreativo, enfim, produtores de um novo homem em Angola. Despertaremos o Povo para esta necessidade e esperamos pela colheita com a certeza de "o que semearmos também o colheremos e com abundância".<sup>29</sup>

Para ouvir, discutir, reorganizar e definir a política do desporto angolano, foi proposto a realização do "Congresso Nacional de Desportos" de Angola, que reuniria cerca de 300 participantes, entre dirigentes desportivos, atletas, árbitros, treinadores e críticos representação de todas as modalidades, com

<sup>27</sup> BAETA, Hélder. Um desporto novo? *Diário de Luanda*, Luanda, 10 set. 1974, p. 21. Veja-se também: OLIVEIRA, Simões de. Num mundo de interrogações: que futuro (do desporto) angolano? *Diário de Luanda*, Luanda, 12 set. 1974, p. 23.

<sup>28</sup> NÃO ao Mundial de hóquei. *Notícia*, Luanda, 20 jul. 1974, p. 63.

<sup>29</sup> PARA um desporto angolano melhor. "Frente Ampla" impulsiona a massificação. *Diário de Luanda*, Luanda, 7 de nov. 1974, p. 23.

um custo avaliado em 200 mil escudos.<sup>30</sup> Enquanto a reunião estava sendo preparada, os meios de comunicação não estavam inativos e, pelo contrário, informavam sobre os vários passos, e por sua iniciativa ouviram as principais figuras da educação física e do desporto sobre as expectativas que tinham. O *Diário de Luanda* fez um inquérito, onde os auscultados foram favoráveis à realização do evento, considerando que era urgente e necessário, e que era o espaço ideal para uma abordagem ampla e franca e sem revanchismo ou vingança, para definir prioridades. Também apelaram para que a organização fosse a melhor possível (discussões por teses e/ou tópicos) para que os resultados fossem frutíferos.<sup>31</sup> Apesar de todas as expectativas geradas, a verdade é que as condições políticas inviabilizaram a realização do conclave.

Para efectivar a emancipação, em algumas modalidades foram criadas "federações" (foram os casos do futebol, handebol, basquete, hóquei em patins e judô e começa a pensar na organização de equipas e filiação de federações internacionais.<sup>32</sup> Apesar de toda a turbulência, as competições continuam em diversas modalidades. Os participantes de todo esse movimento tiveram em perspectiva uma "revolução desportiva" para que o povo angolano pudesse, com o território uma vez independente, desfrutar dos direitos "esquartejados" durante a colonização:

O angolano tem sido esquecido, mas parece ser já o momento de tomar consciência de que a prática desportiva, além de constituir um importante veículo de integração social do Povo, ainda constitui um Direito do Homem. É sabido já que tal Direito esteve sempre ligado às estruturas políticas-sociais existentes. Para uma Angola Nova, deve-se tentar perdoar os erros do passado no campo gimno-desportivo, procurando-se fórmulas e métodos que visem concretizar novos conceitos do Homem e da Sociedade.

Portanto, há necessidade de destruir no desporto de Angola o "espírito de classe", porque isso só anula toda a possibilidade de relações entre os fatores de qualquer meio social. Que seja facultado ao Povo de Angola a possibilidade de participação ativa nas actividades desportivas, base que garante o direito

<sup>30</sup> Vejase: BAETA, Hélder. O congresso que se deseja. *Diário de Luanda*, Luanda, 12 de nov. 1974, p. 22; BAETA, Hélder. "Iniciativa em marcha: congresso nacional desportivo de Angola adiado para jan. 1975?" *Diário de Luanda*, Luanda, 15 nov. 1974, p. 21.

<sup>31</sup> Vejase: INQUÉRITO: congresso desportivo nacional de Angola. *Diário de Luanda*, Luanda, 18-25 nov. 1974. Os inquiridos foram: Cabrita Domingues (presidente de Associação Provincial de hóquei Patins), Parreira de Abreu (presidente do Clube Naval de Luanda), António Barata (treinador de futebol), Fernando Cruzeiro (treinador de hóquei patins), Alberto Quádrio (professor de educação física e inspector do Conselho Provincial de Educação Física), Rebelo Carvalheira (jornalista e chefe da secção de desportos de *A Província de Angola*), Luís Rosa (árbitro de futebol e de hóquei patins).

<sup>32</sup> Vejase: FUTEBOL de Angola criou a sua federação. *A Província de Angola*, Luanda, 9 dez. 1974, p. 22; ASSOCIAÇÃO Provincial de Futebol de Angola. *A Província de Angola*, Luanda, 23 de nov. 1974, p. 19; CONGRESSO da provincial vai decidir da transformação em federação angolana. *A Província de Angola*, Luanda, 25 nov. 1974, 20; SAMMER, José, Filiação na federação e a formação do Comité Olímpico Internacional. *A Província de Angola*, Luanda, 11 jan. 1975, p. 22; FEDERAÇÃO Angolana de Judo. *A Província de Angola*, Luanda, 2 mar. 1975, 19; FIBA convida federação angolana. *A Província de Angola*, Luanda, 4 de fev. 1975, p. 20; FEDERAÇÃO de patinagem trata da sua filiação na federação de rink hóquei. *A Província de Angola*, Luanda, 5 mar. 1975, p. 19.

igualitário de todos os cidadãos se personalizarem através do desporto, permitindo ao mesmo tempo, maiores possibilidades de vinculação, de intercâmbio e de convivência social entre estudantes, trabalhadores de todos os setores de produção, militares, homens e mulheres do campo e da cidade.

Com todos esse parágrafo não se anseia a hegemonia desportiva da Futura Angola Livre, mas procura-se o triunfo de uma ideia digna, o triunfo de uma ideia sã do desporto e procura-se a satisfação de ver amanhã o Desporto como um meio da Educação, da Cultura, da Felicidade e do bem-estar do Povo.<sup>33</sup>

Os defensores do "desporto popular" buscaram combater o "desporto de espetáculo", que, segundo eles, era um meio de exploração, orientado para o recrutamento de estrelas, a propaganda de empresas capitalistas, comércio, publicidade, política, alienação das massas e agressividade. Este postulado encontra apoio teórico nos estudos do francês Jean-Marie Brohm, que afirma que "o desporto é um reproduzidor ideológico das lógicas do sistema de produção capitalista" (MORAIS e SILVA; MEDEIROS, et ali, 2020). Na lógica do pensamento e do discurso anticolonial, o capitalismo e o colonialismo são faces da mesma moeda (BOAVIDA, 1967; GUERRA, 1988; DILOLWA, 2000), portanto, deve ser combatido em sua totalidade. No caso de Angola, o chamado "desporto de espetáculo" foi entendido como uma extensão do capitalismo-colonialista, algo elitista, uma ferramenta mais da estrutura colonial para alienar os colonizados, portanto, tinha que ser destruído para dar origem a um "novo desporto", baseado no povo e para o povo, para que pudessem emancipar-se.

### **Movimentos de Libertação e desporto: crise política, crise desportiva**

Instalados oficialmente em Luanda desde novembro de 1974, os movimentos de libertação nacional realizaram intensa atividade política. Os três viram o desporto como mais um meio de para difundir as suas mensagens e ganhar mais apoiantes. A organização dos torneios e a confraternização entre militantes marcaram o uso do desporto como "arma política". A partir de janeiro de 1975, o aparecimento de notícias relacionadas às competições organizadas pelos departamentos desportivos dos movimentos de libertação, além daqueles sob a égide das associações desportivas, tornou-se recorrente. Em janeiro, houve uma partida de futebol em Luanda entre militantes do MPLA e do PAIGC (Partido Africano para a independência da Guiné e Cabo-Verde) e outra entre os torcedores do MPLA dos distritos de Luanda e do Huambo, que se tornou um verdadeiro ato de mobilização política.<sup>34</sup> Proposta pela equipa Tuku Tuku de Benguela, na última corrida do campeonato inter-regional do automobilismo estaria em disputa o "Trofeu Jonas Savimbi" uma

<sup>33</sup> SANTO, Espírito. Desporto para todos os angolanos: seus objectivos. *Angola*, Luanda, 15-30 de nov. 1974, p. 16-17.

<sup>34</sup> Vejase: FUTEBOL emancipalista. PAIGC forte demais o MPLA (ou Atlético?). *A Província de Angola*, Luanda, 7 jan. 1975, p. 19; LUANDA e Nova Lisboa: encontro de futebol entre simpatizantes do MPLA. *A Província de Angola*, Luanda, 26 jan. 1974, p. 17-18; FUTEBOL emancipalista: igualdade (2-2) entre os MPLA(s) de Luanda e do Huambo. *A Província de Angola*, Luanda, 27 jan. 1974, p. 18.

homenagem ao presidente da UNITA.<sup>35</sup> A FNLA, por meio de seu departamento desportivo, promoveu diversas atividades, incluindo um evento de automobilismo em Sá da Bandeira.<sup>36</sup>

No desporto competitivo, o debate continuou. No andebol se pensa na institucionalização do "Dia do Andebol" a iniciativa é do chamado "Grupo de Amigos do Andebol".<sup>37</sup> No futebol, foi criado o "Movimento dos Jogadores Para Um Futebol Angolanizado", que tinha como objetivo reestruturar a modalidade e confiar a gestão aos angolanos.<sup>38</sup> O Movimento afirmava que era necessário a "massificação" para tirar o caráter elitista do desporto e pode ser "genuinamente angolano",<sup>39</sup> dando aos jovens a possibilidade de trabalhar com técnicos qualificados, com condições mínimas necessárias e aspirar a um futuro brilhante. O discurso e a dinâmica política estavam diretamente no mundo do desporto angolano, com a ideia de descolonizar no horizonte da maioria de todos os envolvidos, especialmente na juventude. Assim, explica-se que três jovens estudantes e jogadores de futebol, Ângelo (20 anos), Dinho (20 anos) e Escórcio (19 anos) tenham lançado um projeto chamado "Angolanizar o Futebol"<sup>40</sup> que consistia em organizar um movimento liderado pelos atletas com a participação de outros agentes da modalidade, virado para a promoção do futebol juvenil, formação de treinadores angolanos, afirmação do futebol amador e o fim dos privilégios.

O Acordo de Alvor também teve eco no movimento desportivo. O semanário *Momento Desportivo* propôs que o estádio do Futebol Clube do Lobito passa-se a chamar-s "11 de Novembro", data acordada para a proclamação da independência.<sup>41</sup> O grau de politização foi tão grande que o Benfica da Huíla no final de um documento endereçado ao órgão que supervisionava o futebol, no qual protestava contra a decisão de repetir o jogo contra o Recreativo da Caála, incluiu as palavras de ordem dos movimentos de libertação: *Kwacha Angola* (UNITA); *Vitória é Certa* (MPLA); *Liberdade e Terra* (FNLA).<sup>42</sup> Alguns aproveitam a oportunidade para propor uma "revolução

<sup>35</sup> TROFEU "Jonas Savimbi" em 25 de dezembro. *A Província de Angola*, Luanda, 9 fev. 1975, p. 20.

<sup>36</sup> Vejase: AS actividades desportiva da FNLA. *A Província de Angola*, Luanda, 10 fev. 1975, p. 18; FUTEBOL entre FNLA(s): Comité "15 de Março" Venceu (3-0) Comité do Marçal. *A Província de Angola*, Luanda, 20 fev. 1975, p. 17; GRANDE expectativa em redor do "Rally da FNLA". *A Província de Angola*, Luanda, 5 mar. 1975, p. 21.

<sup>37</sup> BCCI patrocinará a iniciativa "Dia do Andebol". *A Província de Angola*, Luanda, 18 jan. 1975, p. 18.

<sup>38</sup> MOVIMENTO dos Jogadores realiza esta tarde primeira reunião. *A Província de Angola*, Luanda, 18 jan. 1975, p. 18.

<sup>39</sup> Vejase: QUE tipo de alienação é o futebol? *Diário de Luanda*, Luanda, 19 set. 1974, p. 23; BAETA, Hélder. Para um futebol genuamente angolano. *Diário de Luanda*, Luanda, 23 out. 1974, p. 23.

<sup>40</sup> Vejase: UM movimento em marcha: vamos "angolanizar" o futebol de Angola. *Diário de Luanda*, Luanda, 16 dez. 1974, p. 23; ANGOLANIZAR... o futebol de Angola. *Diário de Luanda*, Luanda, 26 dez. 1974, p. 23; MOVIMENTO dos jogadores realiza esta tarde primeira reunião. *A Província de Angola*, Luanda, 18 jan. 1974, p. 18.

<sup>41</sup> ESTÁDIO "11 de Novembro" o nome para o estádio do F.C. do Lobito. *A Província de Angola*, Luanda, 26 jan. 1975, p. 17.

<sup>42</sup> BENFICA da Huíla repudia decisão da APF. *Jornal da Huíla*, Lubango, 30 jan. 1974, p. 12.

desportiva" na qual o Estado tem controlo para garantir o acesso a todos em igualdade de condições, colocando o atletismo na vanguarda.<sup>43</sup>

A luta entre os movimentos de libertação nacional se estendeu para o setor de educação física e desporto. O Ministro da Educação e Cultura do Governo de Transição indicado pela UNITA, Jerônimo Wanga, foi pressionado para nomear o director geral responsável pela área de educação física e desportos. Tendo mesmo decidido que deveria ser eleito pelas pessoas do sector.<sup>44</sup> Criaram-se grupos de interesse que entraram em disputas para que a pessoa escolhida estivesse fosse do seu círculo. Em uma primeira reunião em 26 de fevereiro, associações federadas e a comissão de profissionais de educação física divergiram e ninguém foi eleito para o cargo.<sup>45</sup>

Até abril, o processo continuou com várias reuniões e os diversos grupos a apresentarem os seus candidatos.<sup>46</sup> Após ouvir associações, clubes, federações e sindicatos, o ministro escolheu o professor Alberto Quádrio como diretor central de desportos. O novo diretor tomou posse em um cenário de crise financeira, política e militar. Os confrontos entre os movimentos de libertação caminavam para um cenário de guerra civil desde março e, apesar dos vários apelos pela paz, eles não cessaram. No campo desportivo, pouco a pouco as competições eram afetadas até a suspensão registada a partir de julho. Mais cedo, no mês de junho, o futebol "nacional" foi suspenso devido a problemas financeiros e de segurança, a suspensão visava remarcar a competição de acordo com o calendário africano.<sup>47</sup>

Em julho de 1975, os combates atingiram seu auge, os representantes da FNLA e da UNITA no Governo de Transição deixaram Luanda, há uma saída massiva da população branca de Angola. A crise dos recursos humanos também afeta a imprensa, em cujas páginas as notícias sobre o desporto desaparecem gradualmente. Durante a primeira quinzena de agosto, a situação militar domina a imprensa. Até a proclamação da independência, com exceção do distrital juvenil no futebol, há apenas informações sobre torneios de confraternização. O desporto competitivo está suspenso e aguarda a proclamação da independência para começar uma nova era.

## Conclusões

Este texto possibilitou olhar para o processo de transição política de outro ângulo, neste caso, do desporto. Deixar a visão "tradicional" baseada em fazer a análise sempre focada nos movimentos de libertação nacional (FNLA, MPLA e UNITA), é um exercício complexo considerando a posição hegemônica que esse ponto de vista ocupa na historiografia angolana. A mudança de

---

<sup>43</sup> MATOS Fernandes toma posição: revolução desportiva impõe-se fazer sob controlo do Estado. *A Província de Angola*, Luanda, 10 fev. 1975, p. 17-18.

<sup>44</sup> DIRECTOR geral dos desportos e educação física será eleito por processos democráticos. *A Província de Angola*, Luanda, 25 fev. 1975, p. 19.

<sup>45</sup> DIRECTOR geral... um parto difícil. *A Província de Angola*, Luanda, 27 fev. 1975, p. 18.

<sup>46</sup> NORONHA Feio candidato de Benguela na "corrida" para o cargo de director geral dos desportos. *A Província de Angola*, Luanda, 28 fev. 1975, p. 10; COMUNICADO dos federados sobre a eleição do novo directo-geral dos desportos. *A Província de Angola*, Luanda, 3 mar. 1976, p. 9; DIRECTOR geral ainda não existe. *A Província de Angola*, Luanda, 4 abr. 1975, p. 20.

<sup>47</sup> DESPACHO do director geral. *Diário de Luanda*, Luanda, 18 jun. 1975, p. 21.

perspectiva permitiu ver como um setor importante da sociedade, os atletas e os outros intervenientes, não eram meros espectadores, pelo contrário, desde o *primeiro tempo* até a *prorrogação*, eles tiveram um papel muito ativo e entenderam que a partir de seu trabalho diário tinham a responsabilidade de contribuir para o processo de descolonização, uma vez que o desporto também servia como instrumento de alienação e dominação. Fizeram isso questionando o sistema de prática de educação física e desporto, desde a concepção política até aos resultados, passando pela estrutura organizacional, pelo modelo das competições, pelo caráter excludente por não cobrir a maioria da população. Eles fizeram isso, se envolvendo em ações partidárias e propondo um "desporto popular", dos centros urbanos às *sanzalas*, com a massificação como premissa básica para a formação do "Novo Homem" para "Nova Angola". Em suma, eles fizeram isso propondo uma "revolução desportiva".

Também permite refletir sobre a urgência e a necessidade na historiografia angolana para dar "voz" a outros atores sociais que desempenharam um papel importante na atribulada transição política para a independência, mas que até agora são "marginalizados" ou "silenciados" pelo foco "imperial" nos movimentos de libertação. Para esse período, é necessário estudar mais os movimentos sindicais, associativos, estudantis, culturais, entre outros, e analisar como cada um deles fez a sua parte a partir de seu "canto". Há um trabalho historiográfico por fazer, em termos de do percurso do desporto em Angola, em geral, e, em particular, no período de transição, para que o silêncio seja substituído por vozes concordantes e discordantes, mas que no final ajudem a entender melhor o passado. Para isso, a imprensa como fonte histórica é essencial, como foi aqui demonstrado, por ser um dos veículos utilizados por esses atores para disseminar seus projetos, por ser um espaço de enfrentamento de ideias e por ser um elemento ativo na construção social da realidade.

## **Bibliografia**

ALMUIÑA FERNÁNDEZ, Celso. *La prensa vallisoletana durante el siglo XIX (1804-1894)*. Valladolid: Institución Cultural Simancas, 1977.

BENITO, Ángel. *Funciones de la teoría general de la información*. Madrid: Pirámide, 1982.

BITTENCOURT, Marcelo. Jogando no campo do inimigo: futebol e política em Angola. In MELO, Víctor Andrade; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (Eds.). *Mais do que um jogo: o desporto no continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 101-132.

BITTENCOURT, Marcelo. Moral e política: a vigilância colonial sobre o desporto angolano. In NASCIMENTO, Augusto; BITTENCOURT, Marcelo; DOMINGOS, Nuno; MELO, Victor Andrade (Orgs.). *Desporto e lazer na África: novos olhares*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 155-178.

BITTENCOURT, Marcelo. Futebol e colonialismo em Angola. In MELO, Victor Andrade; PERES, Fábio de Faria; DRUMOND, Maurício (Eds.). *Desporto, cultura, nação, estado: Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p. 101-113.

BITTENCOURT, Marcelo; MELO, Victor Andrade. Esporte, economia e política: o automobilismo em Angola (1957-1975). *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 32, p. 196-222, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-101X0173211>.

BITTENCOURT, Marcelo. O futebol nos musseques e nas empresas de Luanda (1950-1960). *Análise Social*, Lisboa, nº 225, LII (4º), p. 874-893, 2017.

BOAVIDA, Américo. *Angola: cinco séculos de exploração portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1981.

CAL MARTÍNEZ, María Rosa. La tercera eclosión de la prensa del pueblo (1975-1984). In *Haciendo Historia. Homenaje al Profesor Carlos Seco*. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense de Madrid, 1989, p. 593-601.

DILOLWA, Carlos Rocha. *Contribuição à história económica de Angola*. Luanda: Editorial Nzila, 2000.

DUVERGER, Maurice. *Métodos de las ciencias sociales*, Barcelona/Caracas: Ariel, 1962.

FERREIRA, Luís Alberto. *História do Club Atlético de Luanda. Vol. 1º: 1924-1953*. Luanda: Clube Atlético de Luanda e Saudade, 2008.

FERREIRA, Luís Alberto. O clube “Atlético” e o aroma da liberdade. *Jornal de Angola*, Luanda, 6 de mai. 2016, p. 3.

GUERRA, Henrique. *Estrutura económica e classes sociais*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1988.

LOURENÇO, João Pedro da Cunha. *La prensa de la independencia, la independencia de la prensa. El Diálogo de Luanda en el proceso de transición e independencia de Angola (abril/1974-noviembre/1975)*. 2006, 194 f. Dissertação (Mestrado em História Social e Política) – Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona.

MARZANO, Andrea; NASCIMENTO, Augusto. O desporto nos países africanos de língua portuguesa: um campo a desbravar. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 17, nº 34, 2013, p. 53-68, 2013. Disponível em: <http://DOI:10.5533/TEM-1980-542X-2013173406>.

MELO, Victor Andrade. Prática desportiva, cultura e política – diálogos possíveis entre os estudos do desporto, os estudos africanos e os estudos pós-coloniais. *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, nº 02, p. 155-173, abr./jun. 2011.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/17510/13198>.

MELO, Victor Andrade; BITTENCOURT, Marcelo. Sob suspeita: o controle dos clubes esportivos no contexto colonial português. *Tempo*, nº 18 (33), 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-77042012000200008>.

MENDOZA, R.; CAMINO, L. Configuración del espacio político. El caso de los estudiantes brasileños. *Psicología Política*, São Paulo, nº 21, 7-29, nov. 2000. Disponível em: <http://uv/garzon/psicologia%20politica-1.pdf>

MORAIS e SILVA, Marcelo; MEDEIROS, Daniele C. de et ali. Similitudes y diferencias en la historiografía del deporte en Brasil y Francia: un diálogo con “Histoire du sport” de Thierry Terret. *Anuario*, Rosario, nº 33, 2020. Disponível em: <http://anuariodehistoria.unr.edu.ar/ojs/index.php/Anuario/index>.

MORENO SARDÁ, A. (1986): “Realidad histórica y realidad informativa”: la reproducción, de la realidad social a través de la prensa- In TUÑÓN DE LARA, M. (Dir.). *La prensa de los siglos XIX y XX. Metodología, ideología e información. Aspectos económicos y tecnológicos. I Encuentro de Historia de Prensa*. Bilbao: Universidad del País Vasco, 1986, p. 145-163.

OLIVEIRA, José Manuel Paquete. *Formas de “censura oculta” na imprensa escrita em Portugal no pós 25 de Abril (1974-1987)*. 1988. Tese (Doutorado em Sociologia da Comunicação) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

THOMPSON, E. P. *Tradición, revuelta y consciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Editorial Crítica, 1989.

THUILLER, Guy; TULARD, Jean. *Como preparar un trabajo de historia (métodos y técnicas)*. Barcelona: Oikos-Tau, 1989.

VAN-DÚNEM, Francisco. *Futebol popular no Sambizanga: 1974-1976*. Luanda: Alende Edições, 2020.

*World communications. a 200 – country survey of press, radio, television and film*. New York, Coger Press/Unipub/The Unesco Press, 1989.

Recebido em 22 de junho de 2021

Aprovado em 11 de setembro de 2021